



AS GUERRAS EM MOÇAMBIQUE SOB O OLHAR DE MIA
COUTO NA OBRA *O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO*

THE WARS IN MOÇAMBIQUE UNDER THE GAZE OF MIA
COUTO IN *O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO*

Léia da Silva Gomes Torres ¹

Recebimento do texto: 25/08/2016

Data de aceite: 18/09/2016

RESUMO: O objeto de estudo deste artigo é analisar o romance do moçambicano Mia Couto, intitulado de *O último voo do flamingo*, publicado no Brasil no ano de 2005 pela editora Companhia das Letras, fundamentando-se no processo histórico vivido pelo povo moçambicano, no período pós-guerra colonial e civil. A narrativa tece críticas ácidas a ingerência estrangeira em assuntos internos no país de Moçambique e relata a corrupção política dos governantes locais. Ressalta o respeito à tradição do povo, o conflito entre tradição e modernidade, e engrandece a riqueza da cultura do país.

PALAVRAS-CHAVE: Mia Couto; *O último voo do flamingo*; Historicidade; Identidades.

ABSTRACT: The aims of this paper is to analyze the Mia Couto novel *O último voo do flamingo*, published in Brazil in the year 2005 by publisher Companhia das Letras, relying on the historical process experienced by the people of Mozambique, in the post-colonial war and civil. The narrative weaves criticism acidic foreign interference in the internal affairs of the country of Mozambique and recounts the political corruption of local rulers. Emphasizes the respect to the tradition of the people, the conflict between tradition and modernity, and increases the wealth of the country's culture.

KEYWORDS: Mia Couto; *O último voo do flamingo*; Historicism; Identity.

¹ Graduada em Letras pela UNEMAT. Especialista em Literatura Brasileira pela PUC/MINAS. Mestre e doutoranda em Estudos Literários/ PPGEL/ UNEMAT.





O romance *O último voo do flamingo* narra a vida na cidade imaginária de Tizangara, pela qual o autor Mia Couto nos apresenta o real e o imaginário no pós-guerra colonial e civil no país de Moçambique. A narrativa nos reporta a uma situação de ausência, a falta da terra e a desesperança provocada pelo processo de corrupção do povo e de seus governantes.

Para que possamos compreender melhor essa narrativa ficcional, faremos uma breve periodização histórica, tendo em vista o fato de que autor Mia Couto foi muito preciso na organização dos fatos em tempo cronológico nesse romance.

No século XVI, ocorreu a ocupação de Portugal em terras africanas, durante o advento das grandes navegações marítimas, já que o país estava de costas para a Europa de frente para o Oceano Atlântico. A localização geográfica de Portugal não lhe facilitava a vida e o comércio na Europa, por isso a única saída foi atirar-se ao mar para buscar novos horizontes.

No ano de 1885, aconteceu a Conferência de Berlim, quando as grandes potências econômicas decidiram qual parte do continente africano ficaria como colônia de qual país. Assim, África foi dividida a régua e compasso, desrespeitando os povos que ali viviam e suas estruturas sociais. Sociedades foram separadas, famílias desfeitas, povos distintos reunidos e subjugados a novas formas de sociedade.

No século XVI, Moçambique havia se tornado colônia de Portugal, mas foi no XX que a coroa portuguesa, sob o governo de Salazar, realizou uma exploração intensa da colônia, movida pelos ideários do governo salazarista, que já não agradava ao povo lusitano. Com a conferência de Berlim, Moçambique foi vítima de uma ocupação militar. Em 1964, inicia-se a guerra de independência, mas só em 1975 o povo moçambicano conquistou a liberdade.





Os grupos guerrilheiros que lutaram pela independência de Moçambique teve a grande missão de construir uma nação. A ex-colônia necessita de organização social. Dois grupos políticos se organizam no período de guerra e no pós-guerra colonial, a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), que tinha ligações políticas com países comunistas e a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana). Por divergências políticas esses grupos lutaram pelo poder em Moçambique, com um grau de violência alto e recrutando pessoas para que defendessem seus ideários de luta, dando início a um novo período de guerra. Agora era uma guerra interna, nominada de guerra civil. Ao todo, foram mais 16 anos de guerra.

Em 1992, foi assinado o Acordo Geral de Paz entre FRELIMO e RENAMO na cidade de Roma, na Itália. A ONU (Organização das Nações Unidas) interveio no país de Moçambique para o desarmamento do povo. E em 1994 ocorreu a formação de um exército unificado e as primeiras eleições gerais multipartidárias.

Segundo Borges Coelho (2003). no pós-guerra colonial e civil as colônias levavam consigo um grande potencial de violência, além do processo de militarização, herança da colonização. O homem colonizado havia se aculturado a algo que nem mesmo ele entendia ainda. Afinal, não se faz guerra sem sofrimento, mutilações, perdas. As sequelas da colonização e das guerras deixaram marcas na vida do povo moçambicano.

Após essa breve periodização, retornemos ao romance. Mia Couto narra em *O último voo do flamingo* os primeiros anos após a guerra de independência e os anos de guerrilha, com a criação da cidade imaginária de Tizangara. Uma obra que nasce da história de uma nação agredida pelos anos de colonização portuguesa. Sob o olhar do narrador temos o zelo com o povo





moçambicano, que vivia as mazelas das guerras e as interferências externas, ou seja, interferências de países europeus.

O romance tem um narrador personagem que é chamado de Tradutor, como se não tivesse nome próprio. Seu anonimato nos remete a coletividade, representando o povo moçambicano. Sua ausência de nome, personifica o indivíduo que se sente um estranho em seu ambiente natural. A ausência de identidade naquele momento é tão forte ao povo moçambicano, pois eles não sabem como lidar com as influências do processo de colonização que ficaram arraigadas em sua cultura. É quando se percebe, que o processo de “descolonização” não é possível, pois colonizadores e colonizados estão ligados por laços culturais e consanguíneos.

As culturas de colonizadores e colonizados se hibridizaram e os indivíduos que participaram desse processo, tiveram suas vidas e psique influenciados pelo processo colonial. O ato de subjugar o semelhante, imposto pelo processo colonial quando os negros foram tratados como animais, não será desfeito como num passe de mágica. Os negros que foram subalternizados e doutrinados a comportarem como seres inferiores não terão seu psicológico invertido por um documento de libertação. O lugar de pertença desse indivíduo está rasurado pelo processo de colonização, bem como o seu lugar social.

A nação moçambicana vai se constituir da ausência da negação do “eu” e do “outro”, colonizador X colonizado, visto que “a colonização fabrica colonizados assim como fabrica colonizadores”, como afirma Memmi (2007). Colonizador e colonizado necessitam um do outro para existirem, e, nesse pós-guerra, a relação de poder que se aprendeu foi do dominador e dominado. Como se reorganizar uma nação sem cometer os mesmos excessos do período colonial? Mia Couto nos revela em *O último voo do flamingo* as contradições da reorganização e reconstrução do país de Moçambique.





A narrativa coutiana nos traz ainda, a negação através da escrita, com neologismos do prefixo - des. Exemplos: “desfalavam”, “desconseguiu”, “desiluminada”, “desconsigno”, “destrocando”, “desacer”, “descomporta”. Essa prefixação corresponde a negação e a oposição, também pode estar associada a uma situação de depreciação do “outro”.

O narrador se apresenta crítico aos acontecimentos políticos de Tizangara e das ideias contrárias ao governante da cidade. Aponta questões sociopolíticas sérias ao leitor e interpela a hierarquia dominante. Estabelece elos entre modernidade e tradição e se apresenta como homem da terra, mas possuidor de instrução escolar:

[...] A escola foi para mim como um barco: me dava acesso a outros mundos. Contudo, aquele ensinamento não me totalizava. Ao contrário: mais eu aprendia, mais eu sufocava. Ainda me demorei por anos, ganhando saberes precisos e preciosos. Na viagem de regresso não seria já eu que voltava. Seria um quem não sei, sem minha infância. Culpa de nada. Só isto: sou árvore nascida em margem. Mais lá, no adiante, sou canoa, a fugir pela corrente; mais próximo sou madeira incapaz de escapar do fogo. (COUTO, 2005, p. 48)

O tradutor empreende em si a capacidade de lidar com a tradição e modernidade nesse esvaziar-se de si para apreender a cultura do outro. Apreender a língua do dominador (Língua Oficial Portuguesa) para usá-la como instrumento de libertação ao poder constituído pelo colonialismo.

O narrador personagem narra o trauma da colonização através de suas memórias pessoais, nos capítulos: “Apresentação do falador da estória”, “O pai sonhando frente ao rio parado”, “A árvore de tamarindo” e “A manuscrita voz de Suplício”. O narrar para a sociedade não esquecer, e para que a colonização e a escravidão nunca mais aconteçam.





A narrativa trata ainda, da relação de poder que fora instituída em Moçambique e faz crítica ácida a interferência externa no país. A ONU acompanha o período de pacificação e organização política através de eleições; todavia, as personagens que representam o povo moçambicano reprovam a interferência dos “de fora”.

Um dos momentos de crítica do narrador aparece na obra quando ele se questiona o motivo de tanto alarde pela morte de alguns soldados da ONU, e nenhuma comoção com os milhares de moçambicanos que morreram nas guerras e continuavam a morrer vítimas dos campos minados ainda existentes no país.

A construção da narrativa é engenhosa ao usar do insólito para apresentar a morte de soldados da ONU. O primeiro capítulo intitulado “Um sexo avultado e avulso” nos apresenta a trama da narrativa: soldados da ONU explodiam inexplicavelmente, parecia ser feitiço da terra. O administrador de Tizangara, Sr. Estêvão Jonas, chama seus superiores para relatar o fato e ter respaldo pelo acontecido. Ao saber que receberia um representante da ONU para investigar os fatos trata de lhe arrumar um tradutor, mais para que este lhe cuidasse os passos em terra africana do que para exercer-se enquanto tradutor.

O representante da ONU, Sr. Massimo Rissi, era italiano e veio a Tizangara para desvendar o mistério dos soldados explodidos. Ouviu dos moradores locais diversas estórias que passavam a desconstruir qualquer perspectiva de solução do caso. O mito do feitiço de homens, que sentiam ciúmes das mulheres de sua terra e não aceitavam que os estrangeiros as conhecessem melhor era a ideia mais plausível para explicar o que acontecia em Tizangara.

Os moradores do lugarejo foram ouvidos e prestaram depoimentos gravados e escritos em relatórios para Massimo Rissi. Ana Deusqueira, a





prostituta quase o seduziu durante o interrogatório, suas palavras ficaram comprometidas; Temporina não conseguiu contribuir muito, pois a depoente e o interrogador enamoraram-se. O administrador da cidade, Sr. Estêvão Jonas, escrevia cartas confusas para desviar o foco das investigações e queria fazer acreditar ao italiano que os fatos acontecidos ali eram provocados por feitiços. Dona Ermelinda, mulher do administrador, não dizia coisa com coisa, queria que essas intervenções externas se acabassem para que ela e o marido voltassem a seus excessos governamentais. O velho Suplício resistia aos estrangeiros, desconfiava dos “de fora” e “dos de dentro” e suas falas não elucidavam a situação. O feiticeiro Andorinho confirmava as desconfianças de Suplício.

Até que as investigações finalmente tomaram rumo e desvendaram o crime. Os soldados morriam pelas minas explosivas plantadas pelo administrador Estêvão Jonas, que não podia perder os recursos externos que vinham para Tizangara no intuito de acabar com os campos minados. A corrupção sugerida no decorrer da narrativa é a causa dos soldados explodidos.

O administrador de Tizangara não contava com a explosão de estrangeiros, enquanto as explosões eram com o povo da terra não se chamou atenção; mas, a partir do momento que envolveu estrangeiros, os olhos da ONU se voltaram a Tizangara até o mistério ser desvendado.

A cidade imaginária de Tizangara possuía minas reais e metafóricas, que representavam os maus políticos que governavam Moçambique. A corrupção interna estava em conluio com agentes externos que financiavam uma nova forma de exploração da ex-colônia. O desalento do personagem narrador e de Massimo Rissi no desfazer do mundo, ao voo do flamingo, nos remete ao renascer. O renascer da nação moçambicana.





O renascer da identidade

Mia Couto nos permite, enquanto fiéis leitores, inferirmos que na obra *O último voo do flamingo* os sentimentos de indignação de seu personagem narrador e os seus, enquanto pessoa real, são os mesmos. O autor, por ser moçambicano e ter militado como integrante da FRELIMO, viveu todas as mazelas do pós-guerra, lidou com a sua origem, filho de portugueses que foram para Moçambique no período colonial. Talvez por isso sua obra seja marcada pela questão identitária individual e coletiva.

Interrogar a identidade, segundo Bhabha (1998), numa releitura de Fanon, leva-nos a refletir sobre o lugar de pertencimento do indivíduo. Apresenta o homem fora de lugar. As identidades impostas pelo sistema colonial, no pós-colonial já não suprem as necessidades de uma nova sociedade. No colonialismo existia brancos e negros, os brancos mandavam e o negros obedeciam, de acordo com a supremacia cultural branca. No pós-colonial, essa relação se estabelece carregada de ódio e de vontade de estar no lugar do “outro”.

A alienação cultural imposta pelo colonialismo incitou a loucura, o ódio e a violência. Esse processo confundiu a brancos e negros, numa relação social conflituosa e de muita violência. A subalternidade do semelhante, fragilizou a relação de humanidade. O colonialismo desconsiderou conceitos éticos e morais de civilidade, por exemplo, o ato de escravizar o semelhante animalizou brancos e negros.

O rompimento com a alienação colonial trata-se de um processo que vai além de ações políticas e sociais, necessita de um divã para tratar o psíquico. Há que se romper com os estereótipos e os medos de brancos e negros, para que possam conviver e restaurar a identidade individual e coletiva.





A cisão com os conceitos coloniais só pode ocorrer quando o “eu” conseguir enxergar o “outro”, superando o ego e reestabelecendo os conceitos étnicos e morais, rompidos outrora. Aceitando o “outro” e o indivíduo de transformação, fruto do encontro entre esse “eu” e “outro”, numa sociedade renovada e hibridizada em decorrência do encontro de raças e culturas distintas.

Em *O último voo do flamingo* temos o encontro de raças e culturas e a resistência em conviver. Massimo Rissi, o italiano, resiste a cultura do povo moçambicano a princípio, como resiste aos encantos de Temporina no início da narrativa; contudo, no decorrer da narrativa, Massimo cede aos encantos de Temporina e a cultura do povo moçambicano.

O aspecto enlouquecedor do colonialismo materializa-se no texto, através da personagem Tonto, irmão de Temporina. O nome faz alusão a falta de lucidez. Tonto zanzava por uma casa vazia, e tinha suas refeições trazidas por uma morta, sua tia Hortência. O processo colonial enlouqueceu muitos que não conseguiram entender e sobreviver a motivação de tanta violência contra a humanidade.

A intolerância e o ódio estimulados pelo sistema colonial vêm à tona na narrativa com a interferência externa na cidade de Tizangara e na manipulação do administrador local, que incitava o povo da terra contra os estrangeiros, para que pudesse ludibriar os estrangeiros e continuar com seus atos corruptos, enquanto governante da cidade.

Estêvão Jonas recebia dinheiro de uma espécie de convênio, para acabar com os campos minados em Tizangara, mas desviava o recurso para atender interesses particulares. E quando percebia que as minas explosivas diminuía muito, fazia o trabalho contrário, colocava minas explosivas em caminhos menos transitados. A população desavisada e os estrangeiros que não sabiam das manobras do administrador explodiam.





E me revelou, lacónico: era mentira que só explodissem soldados estrangeiros. Havia, segundo ele, outras explosões que matavam a nossa gente. Explosões verdadeiras, como prova de sangue e de lágrima. Como esta que tinha acabado de acontecer.
- Pai, me diga o que o senhor sabe...
Com um gesto agitou negativamente o braço: nada, já tinha falado de mais.
- Sabe, filho? A boca nunca fala sozinha. Talvez lá na terra do branco. Mas aqui não. (COUTO, 2005, p. 140)

No entanto, o povo pensa por si próprio. Isso é o que vemos por meio da personagem Ana Deusqueira, que questiona o alarde feito pela morte dos soldados da ONU, enquanto moçambicanos morriam todos os dias, sem se quer alguém perguntar por quê. “- Morreram milhares de moçambicanos, nunca vos vimos cá. Agora, desaparecem cinco estrangeiros e já é o fim do mundo?” (COUTO, 2005, p. 32). Retomamos aqui a situação de subalternidade e de insignificância de um povo, de uma raça. O inconsciente retomando os conceitos coloniais. O “eu” e o “outro” novamente sendo distanciado por pré-conceitos estabelecidos pelo colonialismo. A vida de um moçambicano não equivalia a vida de um soldado da ONU.

A política colonial também se faz presente. A corrupção e a subalternidade hierárquica no comando da ex-colônia causa indignação do povo. O narrador personagem, demonstra aversão ao sistema político vivido em Tizangara:

Entrei. Dentro havia mais fresco. No tecto, uma ventoinha espanejava o ar. Eu sabia, como todos na vila: o administrador Jonas tinha desviado o gerador do hospital para seus mais privados serviços. Dona Ermelinda, sua esposa, tinha vazado os equipamentos públicos da enfermaria: geleiras, fogão, camas. Até saíra num jornal da capital que aquilo era abuso de poder. Jonas ria-se: ele não abusava; os outros é que não detinham poderes nenhuns. E repetia o ditado: cabrito come onde está marrado. (COUTO, 2005, p. 18)





O povo de Tizangara estava descrente com seus políticos e com os desmandos do administrador local. Estêvão Jonas representava “a mão de dentro” que trabalhava contra o povo moçambicano. O enteado do administrador negociava com países vizinhos e realizava contrabandos. Já fora preso, mas sua mãe Dona Ermelinda o havia libertado por influências políticas e desmoralizado o Sr. Suplício, quando ainda acreditava no sistema colonial e lhe prestava serviço.

No período colonial brancos e negros estiveram a serviço do sistema e esse foi um grande trauma, tanto para branco, quanto para negros. No pós-colonial ainda vemos marcas desse período e o individual e o coletivo firmando-se em novas formas de pensamento, que possam dirimir tantas culpas e sofrimentos. A presença dos europeus em Moçambique revolvía todas essas lembranças, relembra a condição inferior do povo da terra.

Por isso, a investigação do italiano não conseguia tomar rumo. O povo moçambicano agia de forma atrapalhadora. “– O rio parou? Hein? – Não, pai. – Ainda não? Pois quando parar eu falo com esse estrangeiro.” (COUTO, 2005, p. 135). O Sr. Suplício diz neste trecho, que jamais falara com o estrangeiro. As vozes moçambicanas confundiam o europeu, pois desdizia através da tradição e de suas crenças todas e quaisquer possibilidades investigativas do italiano.

A riqueza cultural do povo moçambicano e suas tradições não eram compreendidas pelo estrangeiro. Se não se entende uma cultura, não se entende o que o povo fala. Às vezes, Massimo solicitava o auxílio do tradutor, para que entendesse do que estavam falando, não falavam outra língua, mas falavam de outro lugar cultural que o italiano não conseguia compreender.





Os episódios de explosão dos soldados da ONU foram tão mistificados que levou Massimo Rissi a uma confusão mental, pois ora a racionalidade imperava e ele refutava as histórias de explodir ao amar as mulheres moçambicanas; mas, em outros momentos, sentia medo de explodir por ter amado Temporina. Amou-a uma vez em sonho; outras, acordado. As tradições locais e as crenças confundiam o europeu.

Estêvão Jonas contribuía com a confusão na investigação do italiano. Forjava ter amado uma mulher, que não lhe revelaria o nome, e quase explodira. Em suas intervenções entrelaçava o público e o privado, como fazia com as finanças do vilarejo. Além de reavivar a todo o momento as crenças do povo. Pedira ao feiticeiro Andorinho que parasse com as explosões, como se fosse apenas feitiço. O feiticeiro sabia das reais intenções e negou-lhe o pedido.

Por exemplo: há dias esse administrador Jonas me deu ordem que parasse com os rebentamentos. Eu recusei. De boa maneira, mas recusei. Agora, eu recebo ordem de um Jonas? Aqui, em Tizangara? Ele é estrangeiro, tal qual o senhor. Minhas obediências são a outros poderes. Como o senhor, que não nos responde a nós. Os seus chefes estão lá fora, não é? Pois, os meus estão ainda mais fora. Está compreender? (COUTO, 2005, p. 152).

Todos em Tizangara já sabiam porque os soldados explodiram, mas não revelavam ao representante da ONU o que acontecia no vilarejo. Dá-se a impressão que o ato de enganar “os de fora” satisfazia o ego do povo moçambicano. Era uma forma de insubordinação. Os habitantes de Tizangara mostravam-se obedientes ao sistema, mas boicotavam as investigações da ONU:





Ouvimos, calamos e fazemos de conta que, calados, obedecemos. Nem vale a pena invocar ousadia. Existem um alguém a quem primeiro nascem os dentes e só depois os lábios? Quanto mais um lugar é pequenito, maior é o tamanho da obediência. (COUTO, 2005, p. 17)

Em *O último voo do flamingo* temos as minas explosivas reais e as metafóricas. As minas reais explodiam o povo moçambicano, seus animais, suas estradas; já as metafóricas, explodiam a esperança do povo moçambicano de uma vida melhor no pós-guerra. O sonho de uma nação que se ergueria nas bases sociais do comunismo. O que o povo do vilarejo de Tizangara via era a corrupção de valores e um maior empobrecimento de sua gente.

Gostaria de fazer um parêntese aqui, para retomarmos uma ideia que citamos no início desta análise de texto. Vejamos que a ideia de resistência e de luta contra a influência e a dominação dos “de fora” em solo moçambicano, tratado na obra *O último voo do flamingo* por meio através das personagens e do personagem-narrador, é a mesma defendida pelo autor da obra: o romancista Mia Couto.

A intelectualidade, presente na obra de Mia Couto, ultrapassa a fronteira da realidade e da ficção. Seus personagens personificam o autor em ideários sociopolíticos, levantando temas e traumas vividos pela sociedade moçambicana. Uma nação que ainda hoje se reconstrói à margem de conceitos de civilidade pré-estabelecidos pelas grandes potências, como os países europeus e os Estados Unidos.

Na soberania de uma nação em construção, percebe-se que é necessário um recomeço. Moçambique precisa do voo do flamingo para um renascimento. É necessário voltar às origens, rever conceitos, redimensionar





o conceito de civilidade. Tizangara precisa deixar de existir, o mundo precisa deixar de existir para vir um recomeço. A corrupção destruiu Tizangara:

Cumpre-me o doloroso dever de reportar o desaparecimento total de um país em estranhas e pouco explicáveis circunstâncias. Tenho consciência que o presente relatório conduzirá a minha demissão dos quadros de consultores da ONU, mas não tenho alternativa senão relatar a realidade com que confronto: que todo este imenso país se eclipsou, com que por golpe de magia. Não há território, nem gente, o próprio chão se evaporou num imenso abismo. Escrevo na margem desse mundo, junto do último sobrevivente dessa nação. (COUTO, 2005, p. 219).

O italiano mesmo que descrente do acontecido, já consegue perceber um pouco da cultura moçambicana. Após rascunhar um relatório, conversa com o tradutor e lhe pergunta se, além do voo do flamingo, viria um outro. Aqui o personagem estrangeiro admite a cultura local e acredita nela. No uso do insólito, o autor constrói o entrelaçamento entre o “eu” e o “outro”. O respeito às origens e a cultura do povo da terra.

Na existência de apenas dois indivíduos, o autor realiza o diálogo de Moçambique com o mundo. A hibridização de culturas e a consolidação da diferença e do respeito mútuo. O Tradutor – homem da terra, e Massimo Rissi – o estrangeiro esperavam por um novo começo. Mas sem saberem como isso poderia acontecer, se apegam à ideia do voo do flamingo para continuarem acreditando na existência do mundo.

- Que vamos fazer? – perguntei.
- Vamos esperar.
[...]
- Esperar por quem?
- Esperar por outro barco – e, após uma pausa, se corrigiu: -
Esperar por outro voo do flamingo. Há-de vir um outro.
[...]





Massimo sorria, em rito de infância. Me sentei, a seu lado. Pela primeira vez, senti o italiano como um irmão nascido na mesma terra. Ele me olhou, parecendo me ler por dentro, adivinhando meus receios.

- Há-de vir um outro – repetiu.

Aceitei a sua palavra como de um mais velho. Face à neblina, nessa espera, me perguntei se a viagem em que tinha embarcado meu pai não teria sido o último voo do flamingo. Ainda assim, me deixei quieto, sentado. Na espera de um outro tempo. Até que escutei a canção de minha mãe, essa que ela entoava para que os flamingos empurrassem o sol do outro lado do mundo. (COUTO, 2005, p. 220)

Mesmo diante das adversidades, aconteceu em Tizangara mais um voo do flamingo. Simbolicamente, estamos falando do renascer do país de Moçambique. Um país que compreende um povo hibridizado sociopolítica e culturalmente. Não se pode negar a influência de povos e nações de culturas distintas que conviveram. Não se pode negar a hibridização das culturas. E esse processo de aceitação do “eu” e do “outro” se constrói a cada dia nessa contemporaneidade ambígua e de valores questionáveis.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Literatura, História e Política:** literaturas de língua portuguesa no século XX. 2. Ed. Editora Ateliê editorial: São Paulo, 2007.

_____. **De vôos e ilhas:** Literatura e Comunitarismos. Editora Ateliê editorial: São Paulo, 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BORGES COELHO, J. P. **Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta:** sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colônias portuguesas. Bordeaux: Lusotopie, 2003.





MAQUÊA, Vera. **A escrita nômade do presente:** literaturas de língua portuguesa. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Gramática da língua portuguesa.** Lisboa: Editorial caminho, 2003.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador.** Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2007.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais.** Imprensa Universitária, UEM: Maputo, Moçambique, 2003.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo.** Trad. Denise Bottman. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

_____. **Representações do intelectual:** as Conferências Reith de 1993 / Edward W. Said: tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas:** história & antologia. Ática: São Paulo, 1985.

